

la pierre de manière à détacher l'une de l'autre les deux parties, qu'en résulterait-il sinon deux haches polies?

Les personnes intéressées auxquelles il ne serait pas facile de venir à Lisbonne voir cette curieuse pièce, pourront examiner un des moulages que j'ai offerts aux Musées préhistoriques de Toulouse, de Rome et de Copenhague.

J. L. DE V.

## Belem

(Apontamentos literário-histórico-arqueológicos)<sup>1</sup>

### I

#### Topografia belenense

**1. Termo de Lisboa.**—Os sítios onde principia o termo: Portas de Santa Apolónia—do Convento de Arroios—Arco do Cego, e Char-neca—S. Sebastião—Estrada do Seabra—Conde de Anadia—Campo de Ourique até a Fábrica da Pólvora em Alcântara—Penha de França—as do Mirante da Ajuda até o Arco do Bom Sucesso.

Vej. *Formulário das novas licenças do que se deve pagar à Fazenda do Senado da Câmara*, etc. Lisboa 1826, in-fol.

**2. Freguesia de S. Pedro de Alcântara.**—Terá princípio o distrito desta Paróquia, estabelecida novamente em Alcântara, na parte superior da Calçada de Santo Amaro, descendo por um e outro lado da Travessa que vai sair na Junqueira, voltará sobre o lado direito até a Travessa do Saldanha; e retrocedendo por uma e outra parte de toda a Rua Direita até chegar ao Adro da Igreja das Religiosas do Sacramento, seguirá por ambos os lados a Calçada do mesmo nome e das Necessidades até o muro da Quinta dos Possolas exclusive; e

<sup>1</sup> [Os presentes apontamentos ou curiosidades fazem parte duma copiosa collecção que o official da Biblioteca do Paço da Ajuda, Rodrigo Vicente de Almeida, de espirito investigador († 1902), ordenou por verbetes, com o título de BELEM, dispostos segundo os assuntos (topografia, cronologia, estabelecimentos pios, theatros, aulas, etc.), e deixou manuscrita; collecção que, havendo chegado às mãos da Ex.<sup>ma</sup> D. Sofia Viterbo, por esta esclarecida Senhora me foi espontaneamente oferecida para *O Archeologo*. Eu escolhi os apontamentos que me pareceram mais dignos de publicidade, e aqui os começo hoje a dar a lume. Conquanto soltos, entendo que podem servir de alguma utilidade aos estudiosos. Pela minha parte declaro que não os alterei em nada; apenas os numerei, lhes dei o sub-título, e melhorei a pontuação. Por BELEM deve entender-se o antigo concelho do mesmo nome. Os verbetes que não aproveito restituo-os à dona, e o mesmo farei dos restantes, depois de impressos.—J. L. de V.]

retrocedendo ao largo da Igreja das Necessidades, percorrerá pela Rua da Triste Feia; e subindo pela Rua de S. Francisco de Borja, voltará pelo lado esquerdo da Torrinha até as Escadinhas da Fonte Santa: seguirá o caminho que passa junto da Ermida de Nossa Senhora dos Prazeres até sair à margem do Rio de Alcântara; e pela parte Ocidental lhe pertencerá do mesmo Rio até as Quintas do Conde de Oeiras inclusive, e daqui em direitura ao muro da Tapada de S. Majestade; donde vindo procurar as Pedreiras e Fornos de Cal de Guilherme Stephens, lhe pertenceram também as seguintes ruas: Rua da Tapada até o Arco, Travessa do Fiuza, Rua do Príncipe, Rua da Fábrica da Pólvora, Rua das Pedreiras, Rua dos Tanques, Praia do Calvário, e tudo o mais, que se compreende neste distrito.

A essa Paróquia se acrescentou parte da freguesia do Salvador, quando existia na igreja do Senhor Jesus da Boa Morte, e algumas propriedades na Junqueira até a Travessa do Saldanha exclusive, que eram da freguesia de Nossa Senhora da Ajuda. Conta ao presente 1:297 fogos e 4:769 pessoas.

Veja. *Plano da divisão e translacção das Paróquias de Lisboa . . em 19 de Abril de 1780.*

#### 5. Freguesia de Alcântara. — (Extramuros), População.

Fogos, 1:076.

Pessoas do sexo masculino 1:715 }  
 Pessoas do sexo feminino 1:998 } 3:713.

Veja. *Relatório e contas da . . cam. de Belém*, (1865), p. 75.

População no 1.º de Janeiro de 1864.

Fogos (Extramuros), 1154.

Pessoas do sexo masculino 2:374 }  
 Pessoas do sexo feminino 2:357 } 4:731.

4. Rio de Alcântara. — Rio na provincia da Estremadura, comarca de Lisboa, o qual passando por baixo do grande arco do famoso Aqueduto das Águas Livres, e correndo na direcção do nascente para o poente entra no Tejo, junto à freguesia de S. Pedro (em Alcântara) da cidade de Lisboa, fora das portas da mesma cidade.

Veja. *Diccionario Estatístico-geográfico do reino de Portugal e Algarve*, por José Joaquim Lial. Lisboa 1822, fol.

5. Sítio e Ponte de Alcântara. — «Nuno Alvares Pereira, que se inflammava todo em hũ ardētissimo dezejo de servir ao seu Príncipe, observava vigilante os movimentos do inimigo (hespanhol); e sendo informado que sahião a terra nos bateis abaixo da Cidade, em sitio

aonde não erão vistos dos muros; e hião pelas vinhas buscar uvas, e outros refrescos, dezejou ir esperallos, e tentar, se se offercia alguma occasião de jugarem as armas; para este effeito descobrio em segredo o seu pensamento a seu cunhado Pedro Affonso do Casal, cavalleiro valeroso, e a hum Clerigo, de quem era hospede, aos quaes como achasse promptos para o acompanharem, falou a ouços amigos, e parentes, que juntos aos seus escudeiros fizerão o numero de vinte e quatro lanças de cavallo, e trinta piães bésteiros, e sahindo com todos da Cidade huma madrugada forão-se pôr o mais accultamente, que puderão, aonde chamão a ponte de Alcântara, a esperar se sahião por alli alguns Castelhanos; e terião esperado pouco mais de huma hora, quando viram remar hum batel com até vinte homens, que sahindo fóra, e entendendo não serem vistos, caminharão direitos ás vinhas, de que havião então muitas por aquella parte; mas dando sobre elles Nuno Alvares, facilmente voltárão a praya correndo quanto podião; e com a mesma velocidade lançando-se todos á agoa, livrarão da morte fugindo no seu batel». Isto foi em Março ou Abril de 1382.

Vej. Fr. Manuel dos Santos, *Monarquia Lusitana*, t. VIII, p. 366 (edição de 1727).

**6. Casal do Rolão.**—(Alcântara). Na *Monarquia Lusitana*, parte VIII, liv. XII, cap. VII, diz que el-rei D. Fernando I nomeou «copeiro mór Affonso Ribeiro; consta por uma Carta de mercê do Casal do Rolão junto á ponte de Alcântara, reguengo de Algez», dada em Lisboa a 18 de Dezembro, era de 1418 (Ano de Cristo 1380).

**7. Alcântara.**—Quinta do Cabrinha: é a continuação da Rua da Fábrica da Pólvora em Alcântara, e confina com a estrada do Arco do Carvalhão.

Vej. *Itinerario Lisbonense*, 1824, p. 141, 8.º

**8. Quinta de Matias de Albuquerque em Alcântara, onde este esteve preso a última vez que veio da Índia, onde fóra vice-rei.**

Vej. Fr. Pedro Maldonado, na *Primera parte de Consuelo de Justos*, Lisboa 1609, 4.º, na dedicatória a D. Filipa da Madre de Deus, viúva do dito Matias de Albuquerque.

**9. Junqueira.**—Há uns trinta anos dizia um jornal estrangeiro que os portuguezes residentes em Lisboa, quando enriqueciam por meio do comércio, compravam ou mandavam fazer uma casa na Junqueira, sítio muito agradável e de ares puros.

**10. Ponte da Junqueira.**—Nos *Almanaques de Lisboa* de 1782 a 1786 vem: «O cavalleiro de Lebzeltern, (enviado ou plenipoten-

ciario) do Emperador Rei da Hungria, mora no principio da ponte da Junqueira». Nos seguintes diz só: «Na Junqueira».

A *Gazeta de Lisboa*, (2.º suplemento); de 15 de Novembro de 1794, anuncia a venda da casa em que ainda morava o dito cavalheiro na Rua Direita da Junqueira.

**11. Junqueira.**—Cancioneiro popular:

Adeus, Rua da Junqueira,  
Hei-de mandar-te calçar  
Com pedras de diamantes  
P'ra o meu amor passar.

**12. Quinta das Águias, Junqueira.**—A Quinta das Águias, na Junqueira, é uma das melhores do concelho; deve o nome às águias de mármore que rematam as colunas da entrada principal.

Veja. J. J. Baptista de Oliveira, *Corografia moderna*, t. IV, p. 415.

**13. Belem.**—Este sítio, que era antigamente um subúrbio de Lisboa, denominado Restelo, deixou de o ser desde que El-Rei D. José o incorporou à cidade. O terremoto e incêndio de 1755 tendo destruído o palácio real da Ribeira, foi este monarca habitar temporariamente o chamado *Barracão*, no alto da Ajuda, não sendo as quintas reais, sitas perto do rio, suficientes para alojar toda a sua numerosa comitiva.—Situada na margem direita do Tejo, começou a embelezar-se desde a expedição de D. Vasco da Gama para a descoberta e conquista das Índias e África Oriental em 1497, em comemoração do que El-Rei D. Manuel fundou a Igreja e convento de S. Jerónimo, digno monumento de tal façanha. Igualmente fez este afortunado monarca erigir, sobre o frontispício da porta principal da igreja, a estátua do Infante D. Henrique, autor de tantas descobertas.

Veja. P. P. da Câmara, *Descrição Geral de Lisboa em 1839*, p. 123.

**14. Restelo o Velho. 1354.**—Fr. Manuel dos Santos, na *Monarquia Lusitana*, t. VIII, liv. XXIII, cap. XX, p. 577, falando da armada dos castelhanos que estava em Lisboa em meado de 1384 diz: «A armada castelhana... sendo manhã, se preveu de muito boa gente de armas do seu exercito, e foram todos pôr-se aonde chamavam Restelo o velho, etc.».

**15. Restelo**, seu verdadeiro lugar, e significação do nome.—No dia 19 de Julho de 1415, fizeram-se as exéquias pela rainha D. Filipa, mulher de D. João I. «Feitas suas exéquias, em Odivellas os infantes se partiram d'ali acompanhados daquelles senhores, e fidalgos, e

se foram para uma aldea, que está acima daquela igreja que o infante D. Henrique mandou fazer, que chamam Santa Maria de Belem, e a aldea ha nome Restello, por amor daquela ancoração que ali está, que se chama por esta mesma guisa, e ali estiveram até que a frota partiu».

Vej. Fernão Lopes, *Crónica de el-rei D. João I*, Lisboa 1644, parte III, pp. 145-146.

Segundo o mesmo historiador (na mesma página), na noite seguinte a êsse dia falaram os infantes entre si que maneira deviam ter acerca de seus feitos.

**16. Restelo. 1415.** — «Os Infantes tanto q forão em Restelo, como já ouuistes (vej. outro verbete de Restelo extraído de Fernão Lopes), falarã logo antre sy que maneira deuião ter acerca de seus feitos, e acordaram q era bẽ de irẽ falar a seu padre, a qual cousa logo em aquella noite seguinte (21 de Julho de 1415) pozerão em obra, co pouco mais de meia noite mãdarã fazer prestes os bateis, e se forão a Alhos Vedros em tal guisa, q. quando era manhã estavam com seu padre... (com quem tiveram larga conferência) «E logo os Infantes se tornaram sem outra detença para Restello, e fizeram chamar aqueles do Concelho, que estavam mais prestes... Logo em aquelle dia aquelle conselho foi posto em determinação de guisa q. a noite seguinte ordenarão os Infantes de tornar com resposta de todo a seu Padre»... «Quando os Infantes sentiram de todo a vontade de seu padre, ouuerão grande refrigerio»... «A quarta feira seguinte se meteo ElRey na galé do Conde Don Afonso, e forão-se para elle os Infantes, e muitos daquelles Senhores que ahi eram, e veo aquella noite ceiar, e dormir a Restello»... «No dia seguinte, que era vespora de Sanctiago, vinte e quatro dias de Julho, partio ElRey dally, e mândou leuar anchora e foi aquella noite acerca de Sancta Catherina.»

Vej. Fernão Lopes, *Crónica de el-rei D. João I*, Lisboa 1644, parte III, pp. 146 a 155.

**17. Lugar e significação de Restelo.** — Fernão Lopes, na *Crónica de el-rei D. João I* (Lisboa 1644), parte III, pp. 145 e 146, descrevendo as exéquias que se fizeram pela rainha D. Filipa, mulher de el-rei D. João I, diz:

«Ora fazẽdo fim deste capitulo, aveis de saber q̃ tâto q̃ aquella Sãcta Rainha foy posta ẽ sua sepultura, e feitas suas exequias, os Infãtes se partirão dalli acompanhados daquelles senhores, e fidalgos e se foram para huma aldea (em 20 de Julho de 1415), que esta asima daquela Igreja, q̃ o Infante Dom Enrique mandou fazer, que chamão Sancta Maria de Belem, e a aldea ha nome Restello, por

amor daquella ancoração, que alli está, q̃ se chama por essa mesma guisa, e alli estiverão até q̃ a frota partio, como ao diãte ouvireis».

**18. ¿Restelo onde era? 1556.**

Damião de Goes, falando do mosteiro de Belem, diz que D. Manuel o fundara uma légua da cidade de Lisboa, *abaixo do Restelo*, por donde se colige que êste ficava ao nascente do actual edificio.

Vej. Damião de Goes, *Crónica de el-rei D. Manuel*, 1566.

**19. Rastelo.**—Fr. António de S. Roman, na *Historia general de la India Oriental* (1603), p. 54, falando do primeiro regresso de Vasco da Gama a Portugal, diz:

«Y assi quãdo Vasco da Gama llegò al Rastello de Belem (que entonces era una ermita y agora monesterio Real de Geronymos, una legua y fuera de Lisboa) toda la Corte le salio a ver como cosa de milagro. El Rey que no cabia de plazer, le embio a receber con don Diego de Sylva de Menese, Conde de Portalegre, y otros muchos caualleros de su casa y Corte, etc.».

**20. Restelo.**—Sítio a uma légua de Lisboa, ao poente, onde embarcaram os portuguezes que foram ao descobrimento da Índia, e onde hoje está a igreja consagrada a Nossa Senhora de Belém, mandada edificar por el-rei D. Manuel, e acabada no reinado de D. João III.

Vej. Viale (A. J.) *Bosquejo métrico*, 1886, p. 245. (nota ao canto II, oitava LIX, p. 52).

**21.—Soneto**

(Feito na praia de Belem em 1821)

Eu te saúdo, ó Praia, ó chão Sagrado,  
A quem o Tempo, destruidor potente,  
Dos largos ecos da tua Fama ingente  
Não pôde inda apagar o extenso Brado:

Daqui saiu o illustre Gama ousado  
Virgens mares a abrir co'a proa ardente;  
Daqui Pacheco a fulminar o Oriente,  
E o vate imenso que os salvou do Fado.

Tu começaste a Lusa-Índica histórica;  
E cada areia tua é voz que aclama  
Egrégios Feitos, que coroara a Glória:

Resta-te ver de novo um Rei, que te ama,  
Para alcançar a mais gentil vitória,  
Que soou nunca nos clarins da Fama.

Vej. António José Maria Campelo, *Poesias*, Lisboa 1853, p. 55, 8.º gr.

**22. Marinha de Belém.**—Em 1704 D. Pedro II encarregou do governo da Marinha de Belém até Cascais a D. Fernando de Mascarenhas, Marquês de Fronteira.

Vej. *História Genealógica*, t. VII, p. 550.

**23. Palácio do Conde de Aveiras. 1704.**—Em um rol da despesa que se fez com a hospedagem que «...D. Pedro II deu a el-rei Católico Carlos III e a toda sua família nos Paços da Ribeira, que constou de dez mesas, a qual hospedagem teve princípio em 9 de Março até 6 de Maio de 1704 no que despendeu o comprador Valério de Abreu Barbosa 22:011\$818  $\frac{1}{2}$  réis.

Veio o dito Sr. da Campanha, e chegou a Belém às casas da quinta do Conde de Aveiras com toda a sua família em 17 de Dezembro de 1704 e importou a despesa que se fez com a sua mesa, e mesa de estado e mais família, até Julho (26) de 1705 que se embarcou para Catalunha 27:485\$769  $\frac{1}{2}$  réis.

Despendeu mais com a família que ficou depois do seu embarque de 26 de Julho de 1705 até 28 de Abril de 1706, que se embarcaram para Catalunha, 1:009\$952 réis.

Somou toda a despesa 50:507\$540 réis.

**24. Casas junto ao mosteiro dos Jerónimos.**—«Por Carta de 20 de Janeiro passado, escripta ao Arcebispo de Braga, estando nesse Governõ, de que com esta será a copia, mandei que se sobreestasse na obra das casas, que D. Fernão Mariz faz, junto ao Mosteiro de Belem, em qualquer estado que estivesse, até se me dar conta do que na materia era passado e porque tenho entendido que isto se não executou, me pareceu encomendar-vos que deis logo a ordem necessaria para se fazer, sem admittir replica, nem contradição alguma, e com o primeiro correio me avisareis da causa que houve para o suspender.

«E que, vendo a petição do prior e religiosos daquelle Mosteiro, que se havia remettido ao Arcebispo de Braga, e tomadas as informações necessarias, e particularmente de como se deu licença a D. Fernão Mariz para edificar.....(estão consumidas a maior parte das letras duma linha, mas parece ser o seguinte): no salgado, pertencendo-me a mim, e me digais o que se vos offerecer que convira ordenar-se, para que aquella casa se conserve na authoridade devida, e os religiosos não recebam molestia—*Cristóvão Soares*». Carta Régia de 10 de Outubro de 1615.

*Livro de Correspondência do Desembargo do Paço*, fl. 148.

Copiei da *Colecção Cronológica da Legislação Portuguesa*, por José Justino de Andrade e Silva, 1603-1612, p. 179-180.

**25. Casas defronte do mosteiro dos Jerónimos.**—Carta Régia de 20 Janeiro de 1615: «Em nome do Prior e Religiosos do *Mosteiro de Belem*, se me apresentou a petição, que vai neste despacho, sobre *as casas que D. Fernão Martins Mascarenhas* tem começado a lavrar junto ao mesmo Mosteiro, defronte da Capella-mor,—e havendo-a visto, me pareceu remeter-vol-a, e encomendar-vos, como o faço, que vos informeis com toda a certeza do que é passado ácerca do que nella se refere; e m'o aviseis, apontando o que se vos offerecer que se deve provêr— e entretanto ordenareis que se *sobresteja na obra*, em qualquer estado que estiver.—*Cristóvão Soares*».

*Livro de Correspondência do Desembargo do Paço*, fl. 2.

**26. Casa grande junto aos Jerónimos.**—Em Agosto de 1580 esteve o Duque de Alva aposentado em uma grande casa que havia perto do mosteiro de Belém.

Veja. A. Escobar, *Conquista de Portugal*, fl. 63.

**27. Casa e quinta do Conde de Aveiras. 1704. Dezembro 17.**—Em um manuscrito da Biblioteca de Ajuda (*Miscelânea ms.*, t. xxiv, n.º 24), com o título: *Despeza que fez o sr. D. Pedro II com a hospedagem que deu a Carlos III até partir para a Catalunha—1704—1705*.

Diz aí:

«Veiu o dito sr. (Carlos III) da Campanha e chegou a Belem ás casas do Conde de Aveiras, com toda a sua familia em 17 de dezembro de 1704».

**28. Palácio do Conde de Aveiras, hoje Rial de Belém.**—«Por este tempo fez mais patente ao mundo a grande devoção, que sempre teve a S. Francisco, e a seus filhos, e entre elles com mais extremo aos Arrabidos o Excellentissimo Conde de Aveiras D. João da Sylva em huma obra publica de piedade, digna da sua grandeza. Costumavam duas irmãs Senhoras de conhecida nobreza, chamadas D. Marianna, e D. Joanna de Valladares, que residião no lugar de Belém, hospedar em sua casa com singular piedade aos Frades desta Provincia; pagarão em idade já muito crescida aquelle tributo universal, que a morte sem attender a qualidades, ou respeito de pessoas, a todo o tempo que a Divina Providencia lho permite, arrecada dos filhos de Adão. Quiz o sobredito Conde com o seu generoso e caritativo animo supprir o commodo, que aos Frades faltava para o seu agazalho em casa daquellas devotas Senhoras, e em hum bem divertido bosque com um tanque de agua no meyo, que tinha quasi no

interior do seu Palacio, mandou fabricar hum Hospicio, a que deu o titulo da *Arrabida*, dispondo-o em tal fôrma, que sem que aos Frades custasse o minimo pudor de pedir, achassem prompto o remedio á sua necessidade.

«Constava este de huma Ermida de sufficiente grandeza, singularmente adornada, e com todo o paramento necessario prompto para poderem dizer Missa, e nella quatro cadeiras por modo de Côro com hum Breviario grande para poderem rezar o Officio divino em Comunidade, quando nelle quizessem guardar a fôrma Regular: seis cellas com todos os paramentos necesarios para o seu bom commodo, sem excederem os limites da pobreza, e fôrma Capucha regulando-as não pela grandeza da sua pessoa, mas pela profissão dos que nellas se havião de recolher, e huma dellas com mais distincção de paramentos, e grandeza para o Provincial quando della se quizesse aproveitar: hum refeitorio com todo o aceyo, e nelle aquella mesma qualidade de louça, de que usamos na Provincia, e hum Ermitão ou Donato para assistir, e servir aos Frades. Só na quantidade de pratos, ou guizados, com que lhes mandava assistir, se não lembrava erão hospedes, que professavão pobreza e vida penitente, pois os reputava filhos para os não differençar da sua pessoa no trato. Tinha a porta franca para todo o Frade que chegava, sem mais cerimonia que dar o Donato o recado na cosinha: estavão tantos Frades na *Arrabida*. Aproveitámo-nos desta grande commodidade muitos annos, até que o Senhor Rey D. João V se agradou da grandeza, sitio, e bem regulado do Palacio, e o comprou para sua casa de campo; porém se nos faltou o Hospicio, não nos faltou a hospedagem porque nas mesmas casas em que vive no mesmo lugar de Belém experimentámos o mesmo amor, e caridade, além das continuas esmolas, que com mão larga nos reparte especialmente ao Convento de S. Joseph; e esperamos continúe nos seus successores, pois na devoção, que nos tem, bem mostrão a trazem como hereditaria».

Vej. Fr. José de Jesus Maria, *Crónica da Provincia de Santa Maria da Arrábida* (1737), t. II, p. 763.

**29. Morgado antigo. 1596?**.—«Lx.<sup>a</sup> p. 232 v.<sup>o</sup> Belem, Mosianno ordenou morgado de que instituiu Guedelha Navarro, seu f.<sup>o</sup> E não tem mais clareza nem se sabe de mais».

Vej. Bibl. da Ajuda, Ms. in-fol. mag. da Bibl. das Necessidades, com o n.<sup>o</sup>  $\frac{1002}{3}$ : Memoria da distribuição das notas da cidade de Lisboa e seu termo dos annos de 1560 em diante e que é no em que principia a dita distribuição, p. 171 v. (1596?).

**50. Palácio do Duque de Aveiro.**—«O palacio da residencia do Rêo José Mascaranhas Duque de Aveiro, no sitio de Belem, com frente para a praça do chafariz, chamado da bolla, foi arrazado e salgado, etc.».

Cópia dum manuscrito.

**51. Quinta do Duque de Cadaval.**—D. João V assistiu algum tempo na Quinta do Duque de Cadaval, em Pedrouços. Em 1717, a 25 de Maio, armou cavaleiro ao infante D. António na Ermida da mesma quinta, dedicada a Nossa Senhora da Conceição.

Vej. *História Genealógica*, t. VIII, p. 428.

**52. Alcolena.**—D. João I deu a Afonso Anes Penedo, seu vassalo, o reguengo de Alcolena, termo de Lisboa. Santarém, 28 de Agosto de 1423 (era de Cristo).

Vej. Fr. Manuel dos Santos, *Monarquia Lusitana*, t. VIII, p. 782, liv. XXIII, cap. XLIV.

**53. Alcolena.**—Neste sitio teve o Marquês de Pombal um casal, como se depreende da «Petição de recurso» que êle fez a D. Maria I, onde fala em um «pátio rústico, e casas da abegoaria, fabricadas no casal do Arneiro, antes subrogado com Manuel Vaz Luís de Sequeira pelos outros dois casais de Linha Avelha, e de Alcolena, etc.».

Vej. *Cartas e obras selectas do Marquês de Pombal*, etc. Lisboa 1822, t. I, pp. 109-110.

**54. Ajuda. Rio Sêco.**—Desce do Cruzeiro da Ajuda, Fornos de El-rei, e vem até a Junqueira, a Rial Cordoaria, sempre a descoberto, entrando nele dois canos, sendo um da Rua do Cruzeiro, e outro da Calçada da Boa-Hora, nele desagua também um lavadouro de tripas.

Vej. *Jornal* (?), 1885.

**55. Frêguesia da Ajuda em 1780.**—«O Districto desta parochia será o mesmo que até agora possuia, excepto os habitadores, que moram na Junqueira desde a travessa do Saldanha por uma e outra parte até a rua direita de S. Amaro, por que fica pertencendo á parochia de S. Pedro.

«Desta parochia se desmembrou todo o sitio da Junqueira desde a travessa do Saldanha exclusive, calçada de S. Amaro, Rua direita, e todas as mais d'aquelle continente até á Ponte de Alcantara, para a nova freguezia de S. Pedro, transmutada do Bairro d'Alfama.

Conta ao presente 1:900 fôgos, e 7:843 pessoas».

Vej. Silvestre Ribeiro, *Plano da divisão e translação das Paróquias de Lisboa ... em 19 de Abril de 1780.*

**56. Calçada da Ajuda.**—Começou a calçar-se em 29 de Julho de 1851 e acabou-se em 15 de Julho de 1852.

O passadiço fronteiro a esta calçada liga o palácio velho com o novo, já existia antes de construir-se o último. Foi neste (arco então) que em 10 de Novembro de 1794 se atalhou o fogo do palácio, pelo lado ocidental; bem como se atalhou pelo lado oriental, cortando o passadiço que o comunicava com a Livraria e Patriarcal.

Vej. *Gazeta de Lisboa*, de 15 de Novembro de 1794, supl. 2.º

**57. Frêguesia da Ajuda.**—População em o 1.º de Janeiro de 1853 tinha:

Pessoas do sexo masculino	3:166	} 5:879.
Pessoas do sexo feminino	2:713	
Fogos,	1:532.	

Vej. *Relatório e contas da ... Câmara Municipal de Belém*, 1865, p. 75.

População no 1.º de Janeiro de 1864:

Fogos, 1:624.

Pessoas do sexo masculino	4:384	} 7:432.
Pessoas do sexo feminino	3:048	

Vej. *Relatório e contas da ... Câmara Municipal de Belém*, 1865.

**58. Frêguesia de Belém.**—População em o 1.º de Janeiro de 1853: Fogos, 1:657.

Pessoas do sexo masculino	2:809	} 5:865.
Pessoas do sexo feminino	3:056	

Vej. *Relatório e contas da ... Câmara Municipal de Belém*, 1865, p. 75.

População no 1.º de Janeiro de 1864:

Fogos, 1:498.

Pessoas do sexo masculino	2:982	} 6:403.
Pessoas do sexo feminino	3:421	

Vej. *Relatório e contas da ... Câmara Municipal de Belém*, 1865, p. 75.

**59. População.**—A vizinhança da residência rial, um espaçoso cais e largo em frente da Quinta de Baixo, o estabelecimento do Jar-

dim Botânico, e Museu de História Natural, na Quinta Rial do Meio, os quartéis na Calçada da Ajuda, etc., etc., tudo isto contribuiu para rápidamente povoar este lugar; mas a ausência da côrte e da numerosa tropa que aqui costumava residir, a da Alfândega, etc., etc., tem feito decair sensivelmente a sua prosperidade. Tem boas fábricas de vidros e coiros. População 6:000 habitantes.

Vej. P. P. da Câmara, *Descrição geral de Lisboa em 1839*, p. 124.

**40. Rua de Carlos Principy.**—O Luís dos Santos Marrocos em uma carta que escreve ao pai, em 29 de outubro de 1811 (do Rio de Janeiro), diz: «S. A. R. está á dias na ilha do Governador divertindo-se e gosando do bello ar . . . Tem ali um magnifico palacio de campo e uma formosa chacara, com tapada e coutadas extensissimas, de que é inspector geral o conselheiro Joaquim José d'Azevedo (depois Visc. do Rio Secco) este tem de assistencia effectiva a seu cunhado Carlos Principy, e sua irmã Izabelone, ali vivendo e desfructando tudo a titulo de conservação; para o dito Carlos Principy todos auguram ao menos uma commenda, etc.».

**41. O Casalinho.**—Leilão Judicial. — «No dia 6 do proximo mez de novembro, e pelo juiz da 4.<sup>a</sup> vara escrivão Vieira, vão á praça os dominios uteis das propriedades rusticas e urbanas pertencentes ao casal inventariado do fallecido José do Amaral, situadas na freguezia da Ajuda, Belem, ao cimo da Tapada «O Casalinho», que se compõe de casas abarracadas, moinhos de vento desarmados com os logradouros respectivos, terras de sementeira e terreno de boas pedreiras para explorar, etc., etc.

«Tudo está dado de arrendamento e o seu rendimento annual monta a 113\$000 réis.

«Estes predios constituem 2 prazos, foreiros em 2\$000 réis com laudemio de vintena».

N-*O Seculo* n.º 5944, de 24 de Outubro de 1895.

**42. Terras do Desembargador.**—«Desde o reinado de elrei D. José que estas terras —Vargea— foram desfrutadas pelo capitão Antonio Rodrigues Villar e depois seu filho, o Desembargador João Rodrigues Villar, sendo uma parte delas sementeiras de verde para sustento das vacas da Casa Real.

«Isto até o ano de 1817 em que as ditas terras foram requisitadas pelo marechal-general Beresford para o exercicio das tropas. Mais tarde fez-se uma horta (pertencente a lanceiros) compreendendo

o ângulo que fica ao norte da Rua do Embaixador e oeste da Rua das Freiras. Ainda depois, pelos anos de 1840 e tantos a 50 mandava o coronel Filipe Marcell Pereira semear de verde todos os anos o espaço que a frente da referida horta, desde a Rua das Freiras até o Pátio das Zebbras».

**43. Vargem—Terras do Desembargador—Campo das Salesias.**—«Este campo era chamado antigamente a Vargem, passando depois a denominar-se Terras do Desembargador. Tomou este nome porque, tendo elrei D. José dado o usufruto ou administração delle ao capitão Antonio Rodrigues, passou a mesma concessão a seu filho o Desembargador João Rodrigues Villar.

«Todo ou parte deste terreno era cultivado de verde para sustento das vaccas da Casa Real. Em 1817 foi requisitado pelo marchal general Beresford para parada e exercicios dos regimentos de cavallaria e infantaria aquartelados na Calçada da Ajuda. De então para cá tem tido sempre esta applicação. A sua area occupa mais de 32 hectares, e dizem valer 12 a 16 contos de réis».

Extraído do Arquivo da Casa Real e da Torre do Tombo pelo meu amigo Esteves Pereira.

**44. Praça de D. Fernando. 1839.**—«A camara municipal de Lisboa auctorisou o administrador das calçadas para fazer entregar á Junta de Parochia de Belem tantos columnelos quantos fossem bastantes para se fechar o largo, junto ao Caes, situado no districto da referida Parochia».

Vej. *Synopse dos ... actos administrativos da Camara Municipal de Lisboa*, em 1839, 4.º, p. 6.

**45. Rua de João António Pinto ou do Guarda-Joias.**—No Almanach de 1791 aparece pela primeira vez o nome dêste emprêgo em João António Pinto, guarda-jóias, o qual morava em casas anexas à dita repartição na rua a que elle deu o nome official; sendo também conhecida por rua do Guarda-Jóias.

**46. Palácio e Quinta da Princesa.**—Está no sítio de Pedrouços a Quinta do Marquês da Ribeira Grande, que a princesa viúva, D. Maria Francisca Benedita, legou por sua morte à Condessa da Ribeira.

Hoje é seu proprietário um brasileiro (ou regressado do Brasil).

Da mesma princesa D. Maria Francisca Benedita havia em Pedrouços Quinta Nova e Quinta Velha. 1798 (ms.).

No mês de Agosto de 1803 andaram obras neste palácio por conta e ordem da princesa (D. Maria Francisca Benedita), sua dona, que gastou em férias e materiais em todo o dito mês 217,900 réis. (Ms. original).

Esta quinta é pequena, mas muito bem arborizada, com uma casa nobre no meio do jardim. Foi fundada pela princesa D. Maria Benedita, irmã de D. Maria I, e viúva do príncipe D. José. Por sua morte doou-a esta senhora à Condessa da Ribeira-Grande, avó do actual conde do mesmo título. (Pinho Lial, t. vi, p. 541.)

Vej. *Crónica*, Belém 1874, Março 30.

**47. Praia das Saudades.**—Parece que assim chamavam à praia que medeia entre a Torre e o Mosteiro de Belém. Isto se deduz de uns versos que vêm na *Descrição da ponte em Belém*, etc. (anónimo), Lisboa 1729, 4.º, onde a p. 39 diz:

«Se hei-de dizer verdades  
 Bem no meio da Praia das Saudades,  
 Que este nome lhe dá, da-lhe essa fama,  
 Quanta Maria baptizou Alfama,  
 Porque lhe augmenta da saudade a queixa,  
 O querido Manuel, que amante a deixa.  
 E se acaso lá fica,  
 Porque aqui da sua morte a nova chega,  
 E ella logo na area se pespega,  
 E se chama mofina, desgraçada,  
 Dando-se muita infinda bofetada;  
 Talvez tendo o marido por trambolho,  
 Se por um chora, ri pelo outro olho;  
 Pois já tem ajustado substituto,  
 Ou no soldado, ou no marabuto.  
 Seja pelo que for, eu sei que é certo,  
 Que junto á Torre, e do Mosteiro perto,  
 Aquelle sitio, que entre os dois medea,  
 Das claras aguas, e da loura area  
 (Se é que não me enganaram)  
 A Praia das Saudades lhe chamaram».

Vej. *Mouchão da Saudade*.

**48. Algés.**—Rio na provincia da Estremadura, e termo de Lisboa, o qual nascendo dum outeiro próximo ao lugar de Monsanto, e correndo para o sul, entra na margem direita do Tejo, no sítio de Pedrouços.

Vej. José J. Lial, *Dicionário Estatístico-geográfico do Reino de Portugal e Algarves*, Lisboa 1822, in-fol.

**49. Reguengo de Algés. 1147.**—Quando foi a tomada de Lisboa por D. Afonso Henriques já os mouros estavam expulsos d'este lado, como consta da Fundação de S. Vicente de Fora, onde diz:

«Os Ingleses e mais gente de Bretanha e Aquitania, assentamar suas tendas nos arrabaldes que estão ao poente da cidade, lançados primeiro fora d'elles os pagãos; etc».

Vej. *Monarquia Lusitana*, parte III, liv. x, cap. XXIII.

**50. Reguengo de Algés. 1518.**—Na era de 1356, e do nascimento de Cristo 1318, no 1.º de Outubro, fez el-rei D. Dinis uma carta de doação ao mosteiro de Odivelas de todos os casais sitos no Reguengo de Algés, a qual começa assim:

«Em nome de Deos que sobre todas as cousas é poderoso, Padre, Filho e Espirito Santo, tres pessoas e um Deus que não houve começo nem haveria fim. Saibam, quantos esta carta virem como eu D. Dinis pela graça de Deus rei de Portugal e do Algarve, conhecendo muito bem a muita merce que recebi de nosso Senhor Deus em este mundo e attendo mais receber d'elle no outro, onde o bem é prèduravel e não passa cada dia em vão, como o deste mundo. Porem eu a sua honra e da virgem Maria sua madre e de S. Diniz em cujo dia nasci e que tenho por meu patrão perante Deus e em remimento de meus peccados, dou e dõo e faço carta de doação em guisa que nunca a possa revogar, ao meu mosteiro de S. Diniz d'Oudivellas, do bispado de Lisboa, de todos os meus casaes e herdamentos e possessões que eu hei na Piminteira e na junqueira e na do Gnieiro e na do maffario e na que chamam monção e em Pecinas e na de Pay caroucho e no Cano e no Penedo e no barro. Os quaes casaes herdamentos e possessões são no meu reguengo d'Algez de ribamar de par de Lisboa de que a mim dão o quarto de todas as cousas que ahi ha, e mando e outorgo que os haja o dito mosteiro livremente e sem contenda nenhuma assim como os eu havia e de direito podia e devia haver com todos os seus direitos e pertenças montes e fontes e herdamentos cultivados e incultos, salvo dois pastos de gado que ahi ha, um em Picinas e outro no Cano que não dão pão nem tiraria d'ahi o mosteiro proveito, e o prado que ahi houver será necessário para os meus cavallos, e dos reis que depois de mim forem em Portugal, e não se entenda que estes dois pastos de gado vão em esta doação, e logo renuncio e tolho privar-se de mim todo o direito e senhorio que eu nos ditos casaes e herdamentos hei de direito e devo haver, etc.

«Dada em Frielas no 1.º de Outubro da era de 1356 anos».

Esta parte é extraida duma cópia completa trasladada em 1508

do original que existia no mosteiro de Alcobaça. A referida cópia está no *Livro dos estatutos, origem, progresso, etc., da Ordem de Cister* que escreveu em 1560 Fr. Basílio da Consolação, monge de Alcobaça. Códice ms. da Biblioteca da Ajuda, in-4.º de 240 fl. a fl. 238.

*N.B.* Em um extracto dêste documento, que o Graça Barreto me trouxe da Torre do Tombo, há as seguintes variantes, nos nomes dos casais: Pimêteira—Grãeiro—Jūqueira—Mōsanto—Paay coroucho.

**51. Algés e Ribeira. 1575-6-21.**—«A Gonçalo Tenreiro Capitão mor da sua frota pelos muitos serviços que lhe fez, lhe faz doação para elle e seus herdeiros de juro e herdade dos lugares de Algés com sua Ribeira, courela? enso cassellas com seus termos e herdades e direitos, todas as jurisdições salvo appellações de crime e correição. Em Lisboa 21 de junho de 1411 (1373 da era de Cristo)».

No livro mais antigo das Doações régias na Biblioteca da Ajuda, p. 42, diz que vem no *Livro dos Registos* de el-rei D. Fernando, fl. 128.

**52. Algés. 1575.**—D. Fernando I «Deu a Gonçalo Tenreiro Capitão mor das Frotas por seus serviços, Aljez com sua ribeira e outras terras. Lisboa 25 de julho de 1373».

Vej. *Monarquia Lusitana*, t. VIII, liv. XXII, cap. XXVI, p. 186.

**53. Reguengo de Algés. 1584-6-17.**—«Doação de D. João I a Ruy Freire cavalleiro da ordem de S. Thiago do Reguengo de Algés e todos os bens que foram do capitam e assim os que tinha em Lisboa como em outras partes a 17 de junho era 1422» (1384 de Cristo)». Ms. in-fol., capa de pergaminho sem rótulo, a fl. 108 v. na Biblioteca da Ajuda.

Fr. Manuel dos Santos, *Monarquia Lusitana*, t. VIII, liv. XXIII, p. 693, diz: «A Ruy Freire de Andrade Cavalleiro da Ordem de Santiago, o reguengo d'Algez termo de Lisboa 17 de junho». 1422 ou 1384 de Cristo.

*N.B.* O ms. citado retro diz que esta doação está na Torre do Tombo no liv. I, fl. xv das *Doações de D. João I*.

**54. Reguengo de Algés. 1588. Janeiro 28.**—«Privilegio d'el-rei D. Fernando confirmado aos lavradores do Reguengo d'Alges, termo de Lisboa. Elrei o mandou por João Affonso eleito e confirmado na igreja de Silves do seu desembargo. Lisboa 28 de Janeiro de 1426», ou 1388 da era de Cristo.—Vej. Biblioteca da Ajuda, livro dos *Re-*

*gistos de D. João I*, fl. 86 v (é dos três exemplares o mais antigo). No exemplar maior dos mesmos *Registos* diz que o referido privilegio está no *Livro 2.º dos Registos de D. João I*, fl. 40, da Torre do Tombo.

**55. Reguengo de Algés. 1396.**—«Carta d'elrei D. João (talvez D. Duarte em cujo registo ella está) em que manda Affonso Annes Penedo que tinha o reguengo de Algés que punha embargo a Joam Vaz de Almada padre do dito Álvaro Vasques que lhe não puzesse embargo por quanto lhe fora dado em cazamento por Joanne Annes seu sogro, que foi feita por João Velho. Era de 1434 e do Nascim. de Christo 1396».

Veja na Biblioteca da Ajuda: *Doações de alguns reis de Portugal* (liv. in-fol., com capa de carneira, com o referido título no rótulo), t. I, p. 619. Noutro exemplar (grande com capa de carneira) diz que a referida carta vem no liv. I dos *Registos de elrei D. Duarte*, a fl. XII.

**56. Reguengo de Algés. 1422, Junho 17.**—D. (doação) a Ruy Freire cavalleiro da ordem de S. Tiago do reguengo d'Alges e de todos os bens que foram do capitão (Gonçalo Tenreiro) assim os que tinha em Lisboa como em outras partes.—17 de junho da era de 1422».—Veja *Livro grande*, Noticia 3.<sup>a</sup>

No *Livro* de 1636, fl. 108 v, diz o mesmo.

**57. Algés. Casais. 1493.**—«João Affonso, sapateiro e Leonor Dias, ordenaram capella em S. Christovam com cargo de 96 missas rezadas e 48 cantadas sobre nove moradas de casas em Lisboa e dois cazaes em Algés não diz o que rende e o Conde da Ericeira em 25 de Fevereiro de 1714 e já no anno de 1493 foi provida pelo Sr. Rei D. Manuel». Biblioteca das Necessidades, ms. in-fol.  $\frac{1002}{3}$  a fl. 166.

**58. Reguengo de Algés. 7-Outubro-1654.**—«Pedro Nunes o grande matematico portuguez teve uma carta com Padrão de quatro mois de trigo no Reguengo de Alges e Oeiras dada em Evora a 7 de Outubro de 1534, com uma resalva, de que posto que se dissesse no Reguengo d'Alges, fosse assentado, e pago nas Lesirias de Vila Franca».

Veja *Chancellaria de elrei D. João III*, liv. VIII, fl. 168 v.

**59. Algés na Coutada Rial. 1574.**—As demarcações da coutada nona (em 1574) são as seguintes: «da Porta de S. Antão estrada di-

reita até Agualva, e da hi a S. Marcos e de S. Marcos a Oeiras, e da hi direito ao mar».

Vej. na Biblioteca da Ajuda *Tombo de todos os regimentos das coutadas*. (Ms. in-fol).

**60. A Ponte de Algés.**—«O rio d'Algés encontra-se ao fim d'uma alameda proxima á casa de campo do duque de Cadaval, um pouco adiante de Pedroços.

As formosas e amenas margens d'este riacho e a sua ponte, constituem um dos mais bellos sitios dos arredores da cidade. De todos os lados se vê uma prodigiosa quantidade de quintas bem cultivadas, e que servem de recreio na estação dos banhos aos que vão utilizar-se d'aquellas praias.

O pequeno rio d'Algés vem ter ao Tejo, logo abaixo da quinta chamada das Romeiras. As suas aguas são diminutas, e ainda que recebem em reforço as d'um ribeiro que nasce proximo a Outourella, pouco engrossam, não deixando nunca de correr com placidez.

Ha no lugar de Algés uma ermida com a invocação de Nossa Senhora do Cabo.

Vej. *Ilustração Luso-Brasileira*, vol. I, n.º 30, p. 236.

**61. Mouchão da Saùdade.**—Luís Joaquim dos Santos Marrocos numa carta escrita a seu pai, em 8 de Novembro de 1812, diz: «Não posso expressar-lhe a ancia, de que me vejo possuido, de me lançar aos mares, para chegar a esse porto tão desejado: já me parece que avisto a formosa barra de Lisboa, e chego a distinguir montões de vultos no alto do Moxão da Saùdade, e entre tanta gente chego a divizar a sua Pessoa no meio da nossa familia: ... etc.».

**62. Estrada de Lisboa a Oeiras. 176..?**—Foi feita sendo Presidente do Senado, Paulo de Carvalho de Mendonça, irmão do Marquês de Pombal. Paulo de Carvalho faleceu em 17 de Janeiro de 1770.

Vej. Fr. Cláudio, *Gabinete histórico*, t. XVI, p. 355.

**63. Quinta do Armador.**—Em um documento que vi sobre propriedades da Casa Rial, feito em 1849, diz: «Na hypothese de não ter vindo do infantado a quinta do Armador, etc.».

**64. Quinta de Santa Marta.**—Entre os papéis de contas da Princesa D. Maria Francisca Benedita, há o seguinte: «Rol da despeza que tenho feito na Real Quinta de Santa Marta que é da Sereníssima Snr.<sup>a</sup> D. Maria Francisca Benedita, ... êste ano de 1798.

**65. Monsanto.**—Monsanto ao Norte da Ajuda tem (segundo Verdier) 550 pés ou 181<sup>m</sup>,5 de elevação.

Vej. *Balbi*, t. I, p. 74.

**66. Estrada de Queluz.**—Deu-se principio à nova Estrada de Queluz em 1792.

**67. Estrada de Queluz à Ajuda.**—Diogo Inácio de Pina Manique foi quem mandou fazer e arborizar a dita estrada.

Vej. Pinheiro Chagas (em *Manique*).

RODRIGO VICENTE DE ALMEIDA.

### Archeologia prehistórica da Beira

(Vid. *Arch. Port.*, IX, 303, e X, 28 e 312)

#### V

#### Orca dos Palheiros

No sítio dos Palheiros, freguesia de Senhorim, concelho de Nelas, existiu um dólmen ou *orca* que destruíram, já há muitos anos, quando fizeram a estrada que aí passa. Apareceram na ocasião alguns objectos que se perderam, com excepção de um que vai desenhado de tamanho natural na 1.<sup>a</sup> das estampas juntas, salvo e guardado pelo Sr. Angelino dos Reis Sena Cardoso, do Casal de S. José, o qual teve a bondade de m'ò oferecer para o Museu Etnológico em 31 de Março de 1912, dia em que estive em sua casa.

É uma bela e delicada lança de sílex amarelado, de forma de triângulo isósceles, porém com os bordos levemente encurvados e finamente retoeados, e a base arqueada e nas duas extremidades chanfrada, formando ós chanfros um espigão largo que facilitava a fixação do instrumento no tópo de uma haste. As duas faces estão muito bem talladas, e apresentam pouco relêvo.

\*

Comparáveis a esta arma de guerra e de caça, embora fabricadas de outras espécies de sílex, há várias no Museu Etnológico: duas de uma gruta de Tôrres Novas (pav. I, most. 38.<sup>o</sup>), uma de uma anta de Belas (*ibid.*, most. 19.<sup>o</sup>), uma de Leiria, com o espigão porém mais evidente (*ibid.*, most. 17.<sup>o</sup>). De Belas também Carlos Ribeiro descreve uma, igual às três primeiras, na *Notícia de algumas estações e monumentos prehistóricos*, II, 30 e 31. Quando se observam tais lanças, pode às vezes à primeira vista parecer que a chanfradura, em